

# O final de uma análise e o luto do analista

Sueli Souza dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho, proponho-me a levantar alguns pontos relativos ao deslizamento de sentidos do *ideal de eu* e o *eu ideal*, ou seja, entre o grande I e o pequeno 'a' na trama com a *transferência* no jogo das *identificações*. Tomo por guia teórico principal e ponto de referência o capítulo “Estar Amando e Hipnose”, Freud (1921). Em Lacan (1992), a orientação da discussão é buscada no “Livro 8- O Seminário a Transferência”. Procuro estabelecer algumas reflexões sobre o conceito de transferência que emerge, tanto do ponto de vista da situação de análise como de diversas formações de grupamento humano, posto que um analista, enquanto posição de sujeito, também compõe o universo do laço social em suas produções imaginárias, ligada libidinalmente aos primeiros objetos amorosos de identificação. Questiono, por fim, tomando como base de discussão os conceitos supracitados, como podemos entender o luto do analista a partir da interrupção, ou no final de uma análise, ou seja, que destino é dado, pelo analista, ao luto pelo vazio de seu lugar.

**Palavras-chave:** Eu ideal. Ideal de eu. Transferência. Identificação. Luto. Desejo.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Nunca es triste la verdad*

*Lo que no tiene es remedio”*

*Joan Manuel Serrat*<sup>2</sup>

---

1 Psicanalista, Membro Pleno do CEPdePA.

2 SERRAT, Joan Manuel. Sinceramente Tuyo. In: \_\_\_\_\_. **En directo**, [s.l].: Ariola Eurodisc, 1984. 1 CD, faixa 14. (4 min 12).

Este trabalho é fruto de discussões em um grupo de estudos sobre O Seminário: a transferência (LACAN, 1992). Os grupos de estudos enquanto espaços de produção teóricos compõem o percurso da formação de analistas. Em nosso grupo, consideramos que seja um compromisso de transferência de trabalho com a psicanálise e o contínuo exercício de reflexões a escrita sobre os temas que trabalhamos. Com relação à Transferência, ocupo-me aqui em estudá-la em suas implicações tanto na clínica como no laço social.

Tomo como ponto de partida, além do referido Seminário de Lacan, o texto freudiano (1921) “Estar Amando e Hipnose”, entendendo que a transferência emerge tanto na situação de análise como nas diversas formações de grupamentos humanos. Para além da situação clínica, a transferência também é uma produção imaginária, ligada libidinalmente aos primeiros objetos amorosos. Esses primórdios são responsáveis pelos processos de identificação com ideais, ou seja, o *eu ideal* e o *ideal de eu*, conceitos caros à psicanálise.

A identificação e a angústia em relação aos ideais têm sua origem na busca de encontro com o objeto, considerando este como objeto causa de desejo (*a*). De forma precoce, tanto a identificação como a angústia esboçam-se nas primeiras marcas pulsionais, quando ainda não há acesso à linguagem, antecedendo a condição de ser falante e a constituição de um eu. A angústia frente ao objeto inscreve-se pela busca de correspondência ao desejo do Outro.

Pensando sobre o analista enquanto *ideal de eu*, na transferência, como situá-lo? Essa questão não é de simples resolução, posto que implica onde o analisante, em sua fantasmática, situa o analista. Fazendo uma pequena digressão em nossa língua portuguesa, quando se fala em analista e analisante, não podemos deixar de observar que nesses significantes marcam-se a não definição de gênero.

Do ponto de vista da psicanálise, no que tange à busca de uma análise, também não é o gênero que determina um e/ou outro, quer para o analista, quer para o analisante. A busca do inconsciente só se marca pela conflitiva de ordem sexual, o que já desmistifica a importância de buscar um homem ou uma mulher para se analisar, posto que as marcas da sexuação não serão facilitadas ou resolvidas pela colagem do gênero suposto em um Outro, analista. Desde o início, a busca de análise já nos oferece um valioso indício de como se inscreve a problemática inconsciente.

O inconsciente, como um terceiro, formula suas questões identificatórias, narcísicas, desvelando-se desde sua chegada em análise. Os segredos do que foi recalçado acabam por exibir sua dor, por meio de suas representações, na tentativa de encobrir a conflitiva inconsciente. O inconsciente sempre diz a verdade. Por outro lado, em que lugar o analista coloca-se como possibilidade de efetivamente responder, não à demanda desse ideal de sujeito suposto saber buscado pelo analisante, mas à demanda de ocupar a sua função de analista, em cada análise.

Por que em cada análise? Porque, a cada sessão, se espera poder produzir um processo de análise, em que, para o analisante, emergem diferentes deslizamentos de sentidos. O lugar do analista não está dado, mas se constrói em processo, deixando restos em uma certa deriva, ao sabor das vagas, do fluxo das ondas do inconsciente que ali, no trabalho, mostram-se na insinuação de suas representações.

Dizendo de outra forma, cada retorno à análise, como efeito de repetição na transferência, oferece-nos uma surpresa, uma descoberta, um trabalho. Analista e analisante estão sempre implicados no jogo da tessitura<sup>3</sup> transferencial. O encontro amoroso, assim como o tempo lógico têm seus efeitos marcados dentro do processo, ou seja, há um instante de olhar, um tempo para compreender e um momento para concluir, o que abrirá uma nova série de possibilidades significantes, em cada sessão e ao longo do processo. O final de cada sessão impõe um corte que produz restos, pedaços, fragmentos de algo que não pode ser dito, que não sabe ser dito, que é uma incógnita, um não saber sobre o inconsciente.

Tomando um recorte do texto de Lacan (1992, p. 319):

Não existe coincidência entre o que é o analista para o analisado no início da análise, e aquilo que a análise da transfe-

---

<sup>3</sup> Na música, tessitura refere-se ao conjunto de notas usadas por um determinado instrumento musical, com a qualidade necessária à sua execução. No caso da voz humana, refere-se ao conjunto de notas que um cantor consegue articular sem esforço de modo que o timbre saia com a qualidade necessária. A tessitura tem, portanto, uma abrangência menor que a extensão. Enquanto que a extensão representa todas as notas fisicamente realizáveis, a tessitura refere-se às notas mais frequentemente utilizáveis. Em termos de grafia, a tessitura representa-se pelas notas mais grave e mais aguda ligadas por um hífen, com a indicação numérica da oitava a que pertencem. Exemplo: D<sub>6</sub>2 – D<sub>6</sub>4. Por vezes, numa partitura para coro ou voz solista, indica-se a nota mais grave e a nota mais aguda das partes vocais, a que se dá o nome de âmbito. (SADIE, S. **Dicionário Grove de Música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 733).

rência nos permitirá desvelar quanto ao que está implicado, não imediatamente, mas implicado verdadeiramente, no fato de que um sujeito se engaje nessa aventura, que ele não conhece, da análise. O que conduz alguém a uma análise está permeado pelo sofrimento psíquico. O que o leva à procura de um analista, a própria busca, já implica um terceiro. Isso porque, ao início de um tratamento, muitas vezes, pede-se a orientação ou indicação de alguém a quem se suponha ter um saber ou o reconhecimento de alguém que possa auxiliar na busca de um analista. Nesse sentido, a procura dá-se por uma suposição de proximidade entre aquele que orienta e aquele para quem se encaminha.

Esse encaminhamento de um terceiro insinua que alguém, aquele que indica, sabe sobre a demanda que lhe é endereçada. A análise de transferência, no entanto, só se construirá ao longo do processo. O que dará ao analista seu lugar, como tal, dependerá do que se produzirá ao longo da análise, embora haja uma suposição de saber do analisante em relação a esse analista a que se destina.

Consideremos ainda que o analista faz parte de um grupo, *de uma massa*, como nos ensina Freud (1921), posto que sua formação comporá uma agremiação, uma instituição, uma organização. De certa forma, isso formalizará ou formará um modelo identificatório com *um ideal*, seja ele de pensamento, referências ideológicas ou filiações teóricas.

Essa filiação identificatória com possíveis ou pretensos pares, no entanto, não livra o analista de ser totalmente só em seu ofício, em sua prática cotidiana, na qual deverá se haver consigo mesmo, único responsável por *seu ato*. Dizendo de outra forma, o analista fará o enfrentamento com o Outro, seu “Diabo Enamorado” (CAZOTTE, 1992) inconfessável, que o interroga sobre seu desejo, que lhe impõe uma luta constante no sentido de discriminar suas próprias percepções, suas identificações imaginárias, seu fantasma, seu *ideal de eu*.

É imperioso que a necessidade de fazer parte do *ideal de eu, próprio* da identidade na massa corporativa, dê passagem ao lugar de um *eu ideal*. Em que sentido? No sentido de não ocupar apenas um lugar atribuído, na ilusão do ideal suposto

pelo analisante. Não basta ao analista exibir sua imagem e insígnias incorporadas pela unidade da massa, ou pelo falso poder de um saber suposto, que muitas vezes se traveste em uma roupagem de mestre, de saber impoluto, ou seja, imaculado. Aqui me embaso rigorosamente no texto freudiano, a partir da afirmativa:

[...] quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (FREUD, 1921, p.122)

Há um combate em contínuo vir a ser. Uma luta e um luto constante no entre lugares, entre desejar corresponder a um *ideal de eu* e suportar apenas o que lhe cabe consolidar, seu *eu* possível. Como um *eu ideal* com a solidez de se inscrever enquanto um Outro de alteridade. Ou seja, que o analista não se ofereça como modelo de nada que possa ser reconhecido no espelho narcísico de uma atribuição fálica. Seguindo Lacan: “[...] é que o próprio deslizamento do sentido desse par de significantes, *eu* e *ideal*, traduz algo de absolutamente diferente, uma verdadeira implicação subjetiva do analista.” (LACAN, 1992, p.323).

O luto do analista, pensemos, está no seu fazer a cada gesto de sua prática, não só como exercício de falsa humildade e purificação, mas porque o lugar do analista é, para ele próprio, um exercício de desilusão de sua importância. E, com isso, sigo o próximo ponto deste trabalho.

## **2 O ANALISTA E SEU LUTO DO LUGAR DE DESIMPORTÂNCIA**

Há temas sobre os quais falamos pouco ou evitamos. Um deles é sobre o luto do analista. Luto em relação a vários aspectos: o encerramento de uma análise prematura ou duradoura, que chega ao seu desenlace; a morte inesperada de um

analisante ou esperada em decorrência de uma doença terminal sem que se possa fazer nada com relação a esse fato da realidade. Mas não é só isso.

A interrupção de uma análise, seja por quais motivos se apresentem, independente do tempo que tenha ocorrido, é o encerramento de um processo. Dizendo de outra forma, cada sessão tem a estrutura de uma análise; assim como a transferência que, a cada formulação discursiva, não é sempre igual.

Então, quando se interrompe uma sessão ou se encerra uma análise, que destino o analista dá ao que ficou vazio - tempo vazio? Ou a ele não se dá esse vazio? Depois de ouvirmos tantas histórias de sofrimento de alguém, será que nada se produz na subjetivação do analista? Fechamos o livro de histórias conhecidas e o colocamos na estante dos livros já lidos?

O que ressoa, reverbera, no corte da análise a cada sessão - esperamos - é que o analisante siga produzindo sentidos, visto que a análise não se dá apenas em um espaço de presença, mas também e principalmente em *absentia*. Então por que isso também não ocorreria com o analista, haja vista que no *après coup* que nos afeta também podem emergir outros efeitos, liberando na reverberação da escuta novos sentidos e conexões, afinal, nosso inconsciente encontra-se em cena?

Esse é um efeito que se espera, também deva ser produzido em supervisão, quando pela repetição, na rememoração da escuta analítica, se reinscrevem os restos evocados a um Outro; na abertura de novos sentidos para aquilo que ficou velado ao inconsciente do analista e no embate de sua práxis. O retorno de uma narrativa, em supervisão, revela-se como na obra de Zucchi (1547-1590) *Psique* sem o véu com sua luz de lamparina vendo *Eros* sem a ocultação da sombra de um mistério (falo) fantasmático.

O tempo, um dos dispositivos de nosso trabalho, é da ordem do inconsciente, das formações do inconsciente. Ouvimos em análise a presentificação de algo que parecia no passado, mas que insiste e se reapresenta como recordação, como sintoma, como fantasia, como sonho, como *acting* quando faltam as palavras, no impedimento de realização de desejos imprecisos, imaginários.

Na báscula intermitente de abertura e fechamento do inconsciente, nos intervalos entre fantasia e insinuação do desejo inominável, vão delineando-se possibilidades de escuta dos ditos e interditos; fantasias de verdades vividas, ou

vivências reais sobre intensidades, excitações sem remissão de desejos irrealizáveis. Aprendemos em análise, escutando o Outro que se disfarça nos enredos discursivos, no jogo de esconde-esconde da dor em seu mais de gozar.

Nos enlaces entre os lugares transitórios do objeto *a* e **A**, nessa transitoriedade entre imaginário e simbólico, o analista precisa sempre estar de fora da teia, na evitação de ser aprisionado como objeto ou como suposto saber, sem, no entanto, romper os laços, apenas desfazendo os nós e refazendo enlaces.

E em nós, analistas, o que nos ata, desata, enreda, desenreda? O que muda em nós aquilo que escutamos? Lacan (1992) nos ensina que, quanto à posição do analista, é preciso dar conta do poder da transferência. Para isso, é importante o analista se afastar ou, como ele diz, *se ausentar*, de toda posição de importância, pois não é isso. Não é o analista que é importante, posto que ele é apenas um significante, um lugar de representante de uma representação que nos é estranha.

### 3 O PEQUENO (A) DO DESEJO

Como sabemos, o lugar do analista é de não saber sobre o sofrimento psíquico que discursivamente se apresenta. Não é o lugar de afirmação da suposição do Sujeito suposto Saber (**SsS**), portanto não é um lugar do ideal, embora a ilusão do analisante seja de que o analista saiba sobre seu padecimento, sabe de si. Essa suposição produz um jogo combinatório. Lugar de alternância do espelhamento entre objeto '*a*' e **A**.

Enquanto '*a*', objeto causa de desejo, a função do analista marca a castração. Por isso, nesse lugar são projetadas reminiscências de um encontro faltoso, falta que marca uma exclusão do todo. Não é possível ser todo, muito menos ter tudo. Portanto, a falta será investida simbolicamente como lugar do falo, suposto no outro lado do espelho.

Na trama do olhar, o falo situa-se narcisicamente no olhar de quem olha, de quem espreita, ou seja, do lado de fora do espelho. Lacan afirma que: “[...] aquilo que emerge no estado de forma fascinante acha-se investido de ondas libidinais que vêm dali de onde ele foi retirado, a saber, do fundamento narcísico, de onde se tira o que vem formar a estrutura objetal.” (LACAN, 1992, p.373).

Há nesse objeto uma provocação do desejo, diferente da necessidade e da *demanda*. Essa provocação, funciona como resto, como imagem, miragem identificada com a parte que lhe falta. Daí advém seu brilho, uma presença invisível. Dizendo de outra forma: por exemplo, quando alguém apresenta um objeto (um chocalho) a um bebê. Esse objeto que lhe é oferecido não deixa claro porque o bebê deve se interessar. É o barulho? A cor? A forma? Por essa incógnita, o objeto tem um brilho, algo que interessa ao Outro.

Retomo o discurso sobre o amor no “Banquete” (PLATÃO, 1983). O reservatório do amor objetual, na medida em que ele é amor vivo, é a *Schatten*, a sombra narcísica, afirma Lacan (1992, p.373). Assim, fazendo uma transposição ao exemplo de nosso bebê, do que se trata a oferta do chocalho? O que importa é que lhe é apresentado algo que parece interessar a quem o apresenta, mas que está fora dele e do próprio objeto, portanto o bebê deve descobrir que interesse *isso* tem.

Como se apresenta o objeto do desejo? Seu lugar pode ser situado no lugar do inominável. Esse inominável, Lacan elucida-nos, evocando a imagem bíblica da sarça ardente, ou seja, a forma como Deus apresenta-se a Moisés: “*Eu sou aquele que sou*”. Significa que Deus é um ser independente, que existe e vive absolutamente por si só, diferente de qualquer outro ser criado, de forma que só participa de uma forma (im)perfeita de vida. Lacan ensina-nos que, *na falta* de saber *quem fala*, ouvimos a interrogação do *Che Vuoi?* (que queres?)

Eis aí o enigma irresoluto que gira em torno do pequeno ‘a’ do desejo. O ‘a’ nunca é superado quanto à atração libidinal. Por isso, não esqueçamos: ‘a’ é um lugar de repetição e resistência. Nessa medida, o ‘a’ enquanto objeto instaura-se como demanda primitiva, o seio; além disso, porque a mãe fala ao nível de pulsão oral, também se apresenta uma resposta primitiva - o seio pode ser aceito ou rejeitado.

Por que aceito ou rejeitado? Porque aí já se pode querer outra coisa. Há um apelo a mais, definido por Lacan como a *pulsão invocante* para além da palavra ou da fala. Além disso, pode ser satisfeita pelo objeto agora nomeado, seio. No que diz respeito ao ténue espaço de delimitação entre a pulsão escópica (do olhar) e a pulsão invocante (da voz), tanto uma como outra são impossíveis de representação. Mas, por insistência pulsional, não se pode determinar sua ordem de impor-



tância ou emergência na cadeia simbólica. No entanto, por sua imaterialidade, inapreensibilidade, efetivamente torna-se um objeto luminoso. Ou seja, o olhar e a voz assumem a potência do próprio objeto causa de desejo.

No que concerne à estruturação da relação anal, na qual o apelo ao ser da mãe extrapola ao que ela pode dar de suporte analítico, confundem-se *o ser e o ter*. Supõe-se aí um lugar de equívoco entre o ser e o ter de onde emerge o engano fálico. Engano semelhante entre ser o outro e ter o outro. Na medida da percepção de um outro, *não eu*, há uma possibilidade de algo, o falo, estar em algum lugar inapreensível, não identificado, fora do eu.

No que tange ao objeto fálico, esse é tomado como uma emergência, uma fantasia, um reflexo, uma imagem evanescente, encarnando-se como objeto de desejo o que é velado, o que é um simulacro. Esse objeto impreciso permanece, insiste, lateja, como motor de tudo que será a continuação da relação do sujeito com o objeto do desejo.

“O falo se encarna naquilo que falta à imagem”, afirma Lacan (1960, p.375). Isso equivale a dizer que a relação com o objeto, por estar em constante jogo de espelhamento com algo sempre fora de lugar, *não é nada conservadora*. O objeto é interrogado, independente da forma e do lugar como se apresente seu ser, convocado a mostrar o que tem de mais escondido, na tentativa de preencher o vazio do não ser, do não ter. Eis aí seu fascínio.

Lacan nos diz (1992, p. 375): “a falta a ser é revelada, e por isso é confundida com a própria destruição do objeto”. O falo escancara uma falta a ser, uma falta constitutiva que é fonte incansável do desejo, por isso não é fácil nomear diretamente o desejo. O eu [*je*] do desejo está sempre em suspenso, em outro lugar, impossibilitado de nomeação definitiva.

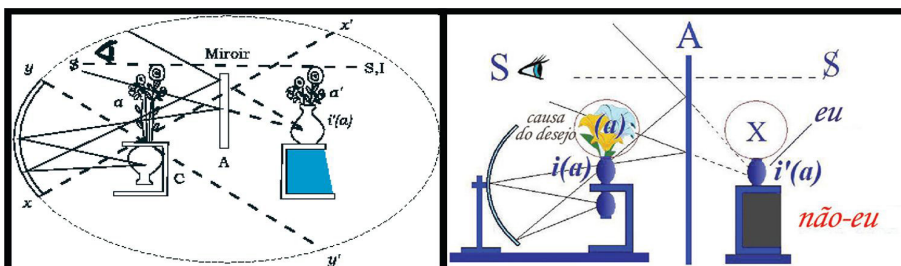
O processo de formação do sujeito não está atrelado ao formalismo de um ordenamento causal ou determinação classificatório, mas a um jogo combinatório em suas condições de possibilidades. Em outras palavras, esse jogo de imprecisão no encontro espelhado é preciso. Se fosse possível realizar a fantasia do encontro com o desejo, não se saberia mais o que é. Não haveria mais chance de viver a fantasia. Portanto, ela tem que ser vivida como uma farsa. Como *inautêntica*, nas palavras de Lacan: “É esse lugar do significante barrado, necessário para

que se saiba que aquilo é somente um significante. A indicação do inautêntico é o lugar do sujeito enquanto primeira pessoa da fantasia.” (LACAN, 1992, p. 376).

Como o analista ocuparia, então, enquanto objeto *a*, sua função? Como conduzir, pergunta Lacan, toda a dialética do desejo, *se o sujeito nada mais é que uma apóstrofe*, inscrita na relação que é, antes de tudo, relação com o desejo do Outro? É aqui que intervém a função do (I), significante do *ideal do eu* (p.377).

Finalmente, tomando o quadro (Figura 1) que se segue, o grafo nos elucida como a função do *I(A)*, *ideal do eu*, preserva *i(a)*, *o eu ideal*, como aponta Lacan. Nesse quadro podemos entender por que *(o vaso)* é o suporte a construir-se no Outro. É o que sustentará a possibilidade da existência do eu imaginário (*ramalhete*). Caso contrário, não há como se construir uma imagem de si (é porque não há nenhum outro meio de que o sujeito subsista) (LACAN, 1992, p. 378).

**Figura 1 – Modelo óptico**



Fonte: Lacan (1998, p. 680)

#### **4 PARA ALÉM DA ANÁLISE, O QUE DISTINGUE O OBJETO 'A' NO TRÂNSITO DA FOBIA E NO LAÇO SOCIAL**

Gostaria de ressaltar aqui algumas relações que se podem estabelecer, desde uma perspectiva lacaniana entre I e 'a', em suas possibilidades de derivação pela fobia, o luto e a melancolia. Como o objeto perdido ressoa no interjogo entre *eu ideal* e *Ideal de eu*, no incessante deslocamento especular entre ter ou ser o ideal para um Outro.

Lacan nos mostra que a função da imagem como um totem recai sobre o sujeito a exemplo do que acontece na relação entre a fobia e o totem, isto é: “[...], é a própria imagem na sua função de demarcação e de discernimento do objeto, a saber, do eu ideal.” (LACAN, 1992, p.378).

No seminário “A Transferência”, lembrando o pequeno Hans, revela-se que é no seu interior que o fóbico defende o outro lado da imagem especular. A imagem especular tem uma face de investimento na própria ilusão, na manutenção da imagem e, por outro lado, uma face de defesa com relação a esse encontro. O investimento do Outro (mãe) é defendido pelo *eu ideal*.

*A fobia*, afirma Lacan, é o sinal luminoso que aparece para avisá-los, ao Outro e ao eu ideal, que “ambos estão guiando na reserva da libido, é por essa razão que seu suporte é o falo como significante” (p.378). O objeto fóbico representado (cavalo, cachorro, aranha, máscara, palhaço, o mestre amado ou odiado...) tem o valor do *einzigiger Zun* (“identificação”) e assume um caráter fálico a ser evitado ou rechaçado. Dizendo de outra forma, o investimento na fantasia do falo próprio é, de certa maneira, defendido pelo fóbico.

Tomando esse conceito, a partir da Psicologia das Massas (*Massenpsychologie*), Freud aponta a origem da identificação do *ideal do eu*, pelo viés da psicologia coletiva. Diz Lacan:

Prefaciando a grande explosão hitleriana, para que todos entrem nessa espécie de fascinação que permite a tomada em massa do poder, do ideal do líder. Para que todos os sujeitos tenham coletivamente, ao menos por um instante, o mesmo ideal, que todos esses objetos exteriores sejam tomados como tendo um traço comum de identificação, *einzigiger Zug*. (LACAN, 1992, p.378)

Tomemos esse texto como paradigmático para a compreensão das identificações, transpostas para os processos transferenciais relativos ao amor tanto em situação de análise quanto nos grupos de afiliações sociais e de manifestações de massa. Nos grupos de organizações religiosas, ou de controle social, ou nos grupos ideológicos, a emergência de um líder catalisador, modelo de um ideal, pode

agregar os grupos, no sentido de conduzir a *massa* a um movimento ou comportamento de amor e/ou de ódio, frente a um hipotético inimigo referencial, eleito como inimigo do representante do *Ideal de eu*.

Esse objeto Ideal, um líder, construído em torno de uma ideologia, uma crença, uma figura emblemática, uma crença religiosa, pode assumir o estatuto do objeto fóbico, como escudo protetor das massas frente à possibilidade ou reconhecimento de castração. Podemos encontrar exemplos emblemáticos dessas figuras ao longo da história na humanidade em qualquer ponto da linha do tempo.

Como relacionar, na atualidade, buscando um paralelo para a citação do texto freudiano, alguns eventos sociais que trazem para nosso tempo a compreensão sobre os processos de identificação como nos ideais e o hipnotismo que se reproduzem nos movimentos de massa em nossos dias?

A exemplo do ocorrido nos preâmbulos da explosão supracitado no texto de Freud, lembremos os acontecimentos mais próximos: as manifestações de rua de 2016 no Brasil, quando milhares de pessoas envoltas na bandeira do país e cantando o Hino Nacional, insígnias do significante Pátria, portavam cartazes reivindicando a prisão de políticos corruptos e, em outros cartazes, com a foto de um juiz como herói, paladino da justiça e da moralidade públicas, defensor da sociedade e das leis. Assim, construiu-se uma cena determinando a dicotomia entre aquelas pessoas que eram representantes do bem, ligadas à justiça, à ordem, à honestidade, e, por outro lado, os representantes do mal, ligados à corrupção, à desonestidade, aos privilégios.

Essa cena social, que tomou uma proporção de espetáculo midiático, escancarava a mesma identificação, de parte dos manifestantes, com um líder emergente que representava ideais de uma suposta sociedade sem mácula. Ou seja, aqueles investidos dos símbolos nacionais (bandeira e hino) que se supunham acima de todo mal e pureza de alma, identificados com o boneco ou com o cartaz do justiceiro.

De alguma forma, a identificação com um modelo de purificação nacional não tinha uma face pacificadora que unificasse as massas. Ao contrário, o ideal de justiça impoluta produziu um ideal corporativo, aparentemente do bem, mas polarizado por manifestações de uma superioridade de classe, assim como

de espectadores ávidos de reconhecimento ao modelo do justiceiro em imagem e semelhança.

Essa massa, convocada, filmada e noticiada à exaustão, por uma imprensa supostamente imparcial, também sem mácula, sem ideologia e sem partido, colocava a si mesma, imprensa, e os manifestantes nacionalistas como defensores da verdade, da sociedade e do povo vilipendiado. A identificação com essas imagens, ou máscaras, ou bonecos, evidenciavam a proximidade da revelação do outro lado do espelho: A identificação com um *eu ideal* ameaçado na sua própria idealização, na perda de limites de fazer-se a lei acima da lei, na mais recente versão de uma horda primitiva.

Lembremos o texto freudiano:

[...] os impulsos emocionais particulares e os atos intelectuais de um indivíduo são fracos demais para chegar a algo por si próprios; para isso dependem inteiramente de serem reforçados por sua igual repetição nos outros membros do grupo. (FREUD, 1921, p.127)

O ideal projetado no Outro (justiceiro), investido de modelo do I (A), faz-se representar pela convocação e organização de identidade virtual das redes sociais, uma ilusão de identidade de corpo social, anônimo. Estavam convencidos de que, à força de painéis ensurdecidos, anulariam qualquer voz dissonante a esses ideais. Assim, aderidos às demandas do espetáculo pelas mídias e de um ideal de massa hegemônica, defendiam, de forma nada pacífica seus ideais (*eu ideal*) massificados, supondo-se um *Ideal de eu* de legitimidade duvidosa. O investimento na fantasia do falo próprio, como nos propõe Freud, materializa-se na cena social de certa maneira, incorporado e atuado pela massa de fóbicos, por medo da perda da fantasia de poder aderida à imagem do poder de um justiceiro sem lei, mas investido com as insígnias legais.

O que Freud nos ensina com esse texto, respeitando o valor das palavras que sempre estiveram no horizonte da escuta do inconsciente, é que, quando um analista se exime de uma leitura da cena social ou quando se supõe, por ser analista, não implicado sobre o que ocorre na cena, ele mesmo se perde do lugar de *um*

*eu*. Imerso no ideal de purificação do mundo dos ideais, nesse momento, expõe, escancara sua miopia e surdez com relação ao lugar da psicanálise enquanto um dispositivo fundamental de luta social, e não de luto por um mundo do qual ele, o analista purificado, não faz parte.

## **5 PARA ALÉM DA SESSÃO DA ANÁLISE, O QUE DISTINGUE O OBJETO 'A' NO TRÂNSITO DO LUTO E DA MELANCOLIA NO LAÇO SOCIAL**

Tomando o luto como parte fundamental do processo constitutivo de elaboração e restauração do irremediável da castração, quem sabe possamos então entender que é impossível a constituição de *um eu* sem a passagem pelo luto. O luto tem sua duração relacionada à função metafórica dos traços atribuídos ao objeto do amor, posto que estes são privilégios narcísicos. Para Freud, o luto consiste em identificar a perda real, peça por peça, pedaço por pedaço, signo por signo, elemento grande I por elemento grande I, até o esgotamento. Quando isso está feito, acaba (LACAN, 1992).

Voltando à cena social, lembrando uma situação recente, também em 2016, podemos pensar nas manifestações em todos os estádios de futebol, as quais homenageavam os mortos do time da Associação Chapecoense de Futebol, um clube de futebol brasileiro, cuja sede encontra-se na cidade de Chapecó, fundado em 10 de maio de 1973, com o objetivo de restaurar o futebol na cidade. Essa tragédia afetou a todos os atletas, amantes do esporte ou não. Abalou os moradores dessa cidade e de tantas outras cidades, em tantos outros países. O luto repercutiu em massa e se repetiu, literalmente, no mundo todo.

A dor pela perda de tantos jogadores, de tantos sonhos interrompidos, de um provável futuro, refletindo na identificação de outros atletas ou pessoas quaisquer, com semelhantes projetos, sonhos e riscos. Projeções de ideais imaginários de um futuro de sucesso de uma pequena cidade de interior, unida em torno de um time que representava a força e a capacidade de superação de todo um povo e que saiu do lugar de anonimato de uma pequena comunidade, para aceder a um grupo de elite do esporte brasileiro e mundial.

Essa perda representou uma tragédia humana, que necessitou da elaboração de um luto sobre uma perda na realidade. Os rituais de respeito e luto repetiram-se à exaustão, em muitos jogos, em vários países do mundo, para recordar, reverenciar essas pessoas e o que elas representaram. Foi necessário, durante um tempo, em muitos eventos esportivos manifestações, cantos e minutos de silêncio respeitoso frente ao vazio da morte. Era preciso lembrar, para reafirmar o significado dessas pessoas que morreram, para que se enterrasse a dor da perda irreparável e irreversível - materialização da finitude. Destino sem meio termo para todos.

Com relação à melancolia, no entanto, Lacan nos diz que não se trata de uma imagem especular:

[...] Freud nos indica de uma certa decepção, que ele não sabe definir, mas está lá. Que traços se deixam ver de um objeto tão velado, mascarado, obscuro? O sujeito não pode investir contra nenhum dos traços daquele objeto que não vê, mas nós analistas, na medida em que acompanhamos esse sujeito, podemos identificar alguns deles, através daqueles traços que ele visa como sendo suas próprias características. Nada sou, não sou mais que um lixo. (LACAN, 1992, p. 380)

Sobre a melancolia, na relação entre o grande I e o pequeno 'a', há um ponto da fantasia entre eles, onde a segurança do limite é sempre posta em questão. Ou seja, o analista não pode aproximar-se desses dois pontos (I;a), tampouco aproximar ao sujeito essa ilusão de encontro enquanto analista de um suposto objeto de desejo. Segundo a afirmação de Lacan, "Isso supõe no analista uma completa redução mental da função do significante, da qual ele deve captar por que mola, que viés, que desvio ela está sempre em causa quando se trata da posição do ideal do eu." (LACAN, 1992, p. 381)

Não é a mesma coisa ter o desejo ou a fantasia de ser um analista modelo e sê-lo. Afinal, como seria um modelo de analista? Alguém da ordem do humano, ou seja, com todas as mazelas e contradições constitutivas de sua vida emocional, afetiva, física, moral e ética? Ou este deveria seguir um modelo desprovido de complexidade e contradição?

Se, como diz Lacan, “O amor só pode circular no campo de ser. Não há objeto que tenha mais valor que outro - aqui situamos o luto em torno do qual está centrado o desejo do analista” (p.381). Ou seja, um analista é um mortal entre mortais, dizendo de outra forma a função do ‘a’ está em sua inacessibilidade a algum ideal. O ideal é de algo que não há como atingir, não se sabe onde encontrar. Portanto, não o perdemos porque nunca tivemos acesso a ele. Retomando o texto do “Banquete” (PLATÃO, 1983), o equívoco do encontro amoroso é apontado a Alcebiades por Sócrates, quando este lhe diz: *Tudo o que você diz a mim é para ele, Agatão*. Essa é a função do analista, o que comporta um certo luto. Dessa forma, Lacan conclui:

Isso quer dizer- a propósito de qualquer um, vocês podem colocar a questão da perfeita destrutividade do desejo. A propósito de qualquer um, vocês podem fazer a experiência de saber até onde ousarão ir interrogando um ser – ao risco, para vocês mesmos, de desaparecerem.  
(LACAN, 1992, p. 381)

Repetindo as questões iniciais deste texto: Quando se interrompe uma sessão ou se encerra uma análise, que destino o analista dá ao que ficou vazio - tempo vazio? Ou a ele não se dá esse vazio? Depois de ouvirmos tantas histórias de sofrimento de alguém, será que nada se produz na subjetivação do analista?

Fazemos um luto por uma experiência vivida como um saber que não se sabe? Sucumbimos a nossa total desimportância quanto ao nosso ser analista? Ou, ao contrário, produz-se aí, nesse desterro, nessa ausência de um lugar, um novo começo? Um retorno ao desejo em ser, sentir-se mais uma vez analista frente a um outro Outro, que nos interpela *Che Vouí?* Um começo sem princípio, que, no entanto, nunca se acaba, que nunca diz nunca, que nunca diz tudo, que nunca é todo, que nunca é nunca.

Então, quando termina uma sessão de análise, quando termina uma análise por seu desenlace, quando o analista não consegue sustentar seu lugar em uma análise, para onde vai o analista? São questões que precisam estar presentes no cotidiano de uma formação a cada dia, ou seja, independente do tempo de nosso



ofício? Isso nos leva a perguntar: O que fazemos a nós mesmos e com nossa castração irremediável? O que fazemos com nossa escuta de analista que só tem seu lugar entre o momento de ver, o tempo de compreender e o instante de concluir, e, mais uma vez, tudo retoma seu sem lugar?

Que destino dar a essa experiência com um inconsciente que nunca cessa de nos interrogar, surpreender, de nos escapar. E, quando vislumbramos seu umbral, sua sombra, seus traços, nos surpreendemos pensando: olha só... *ele* existe! E precisamos contar para alguém, dar um testemunho, mas, infelizmente, *ele* não está mais lá. Finalmente, como podemos entender o luto do analista a partir da interrupção ou no final uma análise? Ou seja, que destino é dado pelo analista ao luto pelo vazio de seu lugar?

## REFERÊNCIAS

CAZOTTE, J. **O diabo enamorado**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 18).

LACAN, J. **Seminário: livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

## The end of an analysis and the analyst's mourning

### Abstract

In the present work, I raise some questions regarding the displacement of senses of the *ego ideal (Ich-Ideal)* and the *ideal ego (Ideal-Ich)*, that is, between the big I and the small 'a' in its relation with *transference* in the game of *identifications*. I take Freud's (1921) chapter "Being in Love and Hypnosis" as the main theoretical guide and point of reference. In Lacan (1992), the orientation of the discussion is sought in "The Seminar of Jacques Lacan, Book VIII- Transference". I seek to draw some considerations about the concept of transference that arises both from the viewpoint of the analysis situation and also in different formations of human grouping, given that an analyst, while a subject, also composes the universe of the social bond in its imaginary productions, libidinally linked to the first love objects of identification. Finally, based on the discussion of the concepts cited above, I ponder on how to understand the analyst's mourning after the interruption or termination of analysis, that is, what destiny is given by the analyst to the mourning produced by the remaining emptiness.

**Keywords:** Ego ideal and ideal ego. Transference. Identification. Mourning. Desire.